

Rb. 23

c 27



W. G. W. W.



BREVES REFLEXÕES

SOBRE A VIDA DE LUIZ DE CAMÕES

ESCRITA POR M. CHARLES MAGNIN, MEMBRO DO INSTITUTO,
NO PRINCIPIO DA SUA TRADUCCÃO DOS LUSIADAS.

POR

D. FRANCISCO ALEXANDRE LOBO,

Bispo de Viseu, Socio da Academia Real das Sciencias, etc.



LISBOA

NA TYPOGRAFIA DA MESMA ACADEMIA,

1842

UNION REFORM BILL

THE UNION REFORM BILL

AN ACT TO AMEND THE UNION REFORM BILL

1920

BY THE PARLIAMENT OF GREAT BRITAIN

IN PARLIAMENT ASSEMBLED

RB. 23. c. 27



1920

PRINTED AND SOLD BY THE STATIONERS COMPANY

1920



r6714387

887270
'20

1920

BREVES REFLEXÕES

SOBRE A VIDA DE LUIZ DE CAMÕES ESCRIPTA POR M. CHARLES
MAGNIN, MEMBRO DO INSTITUTO, NO PRINCIPIO
DA SUA TRADUCÇÃO DOS LUSIADAS.

POR

D. FRANCISCO ALEXANDRE LOBO.

IMPRIMIO-SE em Pariz, já em 1841, huma traducção dos Lusíadas em prosa Franceza; em cuja frente vem a vida de Luiz de Camões; por M. Charles Magnin, Membro do Instituto. Entre outras fontes de que tirou noticias, cita este Biografo a Memoria á cerca de Camões, que compoz Francisco Alexandre Lobo, e que foi publicada, em 1821, na Collecção da Real Academia das Sciencias de Lisboa: e no decurso da sua Biografia, bem se conhece, que fez uso de algumas noticias da dita Memoria.

Mas se com isto, e algumas expressões de louvor lhe faz honra, não deixa comtudo de censurar vivamente, por esta occasião, o Autor. Não se póde reputar, nem se reputa, o Autor infallivel na sua diligencia e nos seus juizos; e nesta certeza se veria tranquillamente censurado, e até acceitaria com agradecimento a censura, se ella com razão o arguisse, ou de diligencia menos esmerada, ou de mal formado discurso. Toca porêem em pontos, que o Autor tem por mais delicados; e em certo modo ataca a rectidão das suas intenções, e seu amor da justiça, e até o melindre do seu patriotismo. *A Memoria*, diz M. Magnin, *he altamente parcial* (1), e composta evidentemente em espirito de malque-

(1) Il est profondément regrettable que le travail de M. Francisco Alexandre Lobo, intitulé = Memoria historica

„ Causa profunda magoa ver, que no
„ trabalho de M. Francisco Al. Lobo,
„ Memoria historica e critica etc., a im-

rença contra Camões (2), apostada apologia de todos os inimigos do Poeta (3): é se tal he, com effeito, a **Memoria**, nem as intenções do Autor podião ser rectas, nem elle se governou por amor da justiça, nem mereceo bem da patria, deprimindo acinrentemente o maior brazão de alto engenho, de que a patria se gloria, e antes insultando-o por apostada apologia dos seus inimigos!!

A tão amarga censura não he licito ficar indifferente; e sem faltar ao respeito de M. Magnin, o Autor da Memoria pode, ou, para melhor, deve desfazer tão pezadas accusações, se julga, como julga na verdade, que as póde desfazer.

Se fosse possivel que huma pessoa tão grave, como he M. Magnin, censurasse com acrimonia a Memoria, sem a ter lido, o Autor se deixaria persuadir de que com effeito não a leo: porque, ad reler e considerar o que nella tem escrito, não só não póde achar fundamento justo á censura, mas presume achar claros e valentes argumentos da sua admiração dos Lusíadas, de empenhada imparcialidade á cerca do Poeta, e de não menos imparcialidade para com os seus, ou certos ou suppostos, inimigos; os quaes condemna ou absolve, segundo o que imperiosamente dispõem as regras da prudente critica.

Malquerença de Camões; em quem delle escreveo 240 annos depois da sua morte; seria hum prodigio de rancor, ou antes hum phenomeno de sem razão, que mais se pudera attribuir a desarranjo de cabeça do que a real impulso de má vontade. Com que fundamentos, de que origem, com que intento? Se o Autor da Memoria fosse Poeta, e Poeta Epico poderia talvez atrever-se a ser emulo de Camões, e a pertender deprimi-lo para se exaltar a si. Mas não he Poeta Epico, nem sequer Poeta. Se fosse estrangeiro a Portugal, poderia talvez offuscar-se d'esta brilhante gloria, e ver de

e critica á cerca de Luiz de Camões etc. = n'offre pas, à beaucoup près, une impartialité egale etc.

(2) Une mémoire de M. F. Al. Lobo, qui bien que rédigée dans un système trop évident de malveillance et de réaction contre Camões etc.

(3) M. F. Al. Lobo, apologiste juré de tous les ennemis de notre poète, veut etc.

»parcialidade não iguala, antes está »muito longe disso, a erudição etc.

«Huma Memoria de M. F. A. Lobo, »que ainda que evidentemente compos- »ta em espirito de malquerença e inve- »ctiva contra Camões etc.

«M. F. Al. Lobo apostado apologist- »ta de todos os inimigos do nosso Poe- »ta, pertende etc.

maos olhos o homem insigne, que a deo a Portugal. Mas he Portuguez de pais e avós até onde pode remontar a tradição da sua familia; Portuguez nascido dentro da *Pequena Casa Lusitana*, como Camões lhe chama; Portuguez de inclinações e affectos, que nisto, mas nisto só, pudera competir com Camões.

Serão estas ponderações bastantes para desmentir a pretendida malquerença. Que será, quando se attender ao theor inteiro da Memoria? Que recommendações, que louvores, que gabos do homem, do Patriota, do Poeta? Alto engenho, igual quasi sempre, e ás vezes maior, que os maiores: Patriota; de quem o Patriotismo foi a principal Musa para emprehender os *Lusiadas*; que o Patriotismo inspirou em tantos pensamentos, em tão notaveis lugares do seu grande Poema; que ao ver as desgraças da Patria acabou a vida, á força dos desgostos e magoas do seu patriotismo: Poeta principe dos seus contemporaneos, e ainda agora principe dos de toda a Hespanha; rival de todos os grandes Epicos conhecidos, avantajando-se, por alguns lados, a todos e cada hum d'elles; com razão temido; sem embargo das pertenções de Voltaire, do illustre Torquato Tasso, que com effeito, na pureza do gosto, na grandeza nobre do estilo não pôde hombrrear com Camões.

São isto invectivas, são productos da malquerença; que o Biografo trata de malquerença *evidente*? Ou falta-se á verdade, dizendo que estas recommendações, louvores, e gabos se achão pontualmente na Memoria? Não o pôde certamente affirmar quem a ler; e por isso o Autor não duvida, em seu abono, remetter quem quer que seja para a leitura.

Nota defeitos, he verdade; no homem e no Poeta; e não os nota no Patriota, porque, em Patriotismo, foi Camões *formosura sem senão*. Mas quão leves defeitos no homem! Prodigio; muito ardente em amor e muito propenso a recrear-se com as suas chimeras; inclinado, na flôr da idade, a faecias e chistes ás vezes amargos e imprudentes: e nada mais. A vida, com effeito, deste grande homem nada mais offerece. Se mais offerecesse e mais ponderoso, sem duvida seria apontado pelo Autor da Memoria, porque queria representar Camões com verdade imparcial: e ainda assim não pudera ser accusado de má vontade. Historia fiel, e satira odiosa são coizas bem diversas; ainda que a historia pinte com as mais negras côres, com tanto que as requeira o ob-

jecto. Felizmente aqui não as requeria o objecto, e por isso não as applicou o Historiador.

No Poeta fez notas respectivamente mais importantes, porque entendeu que as devia fazer. Entendeu bem, ou entendeu mal? Se entendeu bem, não tem de que dar desculpa; se entendeu mal, taxe-se embora o seu entendimento, mas não se condemne a sua vontade. Mal ou bem, he certo que entendeu assim; e ainda hoje persiste na mesma opinativa. Misturou sombras e vivissimas luzes: mas qual he a representação de homem ou de coizas humanas, que não pede rigorosamente esta mistura? Chamou a Camões principe dos Poetas seus contemporaneos, e ainda hoje dos de toda a Hespanha; notando sempre, que não ha principe em tudo perfeito. Comparou-o com todos os grandes Epicos, e a todos o aventajou por alguns lados; advertindo sempre, que a todos, por outros lados, foi inferior. Deo razão ao Tasso de ter Camões na conta de competidor digno de se temer; convido sempre em lhe preferir o Tasso na escolha do maravilhoso, na abundancia das ficções, na regularidade de todo o Poema. Poderá nisto haver critica erronea, mas de nenhum modo critica odienta.

Porém a Memoria, diz o Biografo, he *apostada* apologia de todos os inimigos do Poeta. Discuta-se brevemente este ponto: Os inimigos, verdadeiros ou suppostos; de Camões, de que na sua historia se costuma fazer menção, forão Francisco Barreto, Miguel Rodrigues Fios-seccos, Pedro Barreto Rolim, e os Irmãos Gonçalves da Camara. He censurado, do seu rigor para com o Poeta, Francisco Barreto; he censurado da sua falta de generosidade Miguel Rodrigues. Não se poupa Pedro Barreto; se bem que se poem em duvida o embargo em Moçambique pelos dinheiros, que tinha adiantado a Camões, em razão do silencio de Diogo do Coito, testemunha presencial: da inimizade dos Camaras mostra-se hesitação na Memoria, porque a falta de provas, e o honroso epitafio, que hum dos mesmos Camaras mandou pôr a Camões, fazem grande embaraço á affirmativa; e a redonda negativa não se devia aventurar; visto que alguns dos Biografos antecedentes derão a inimizade por verdadeira, sem todavia produzirem sufficientes argumentos. Onde está aqui a apologia, e *apostada* apologia, dos inimigos de Camões?

Nas affirmativas dos antigos Biografos á cerca dos inimigos do Poeta, achou o Autor da Memoria certo empenho,

clara exaggeração; e, sobretudo, menos indicação de boas provas, que devião pôr em justa desconfiança quem só queria alcançar a verdade. He natural o favor para com os que padecem; bem se sabes e muito mais, quando o que he maltratado, he sujeito de raras prendas, tem feito serviços insignes; e sem disputa se reconhece digno de alto louvor. Mas se por tal principio hum empenho exagerado he natural, e desculpavel, nem por isso deixa de ser desvio da verdade, que se pode, e deve, advertir e corrigir sem injuria.

Outra coisa não fez o Autor da Memoria. Dizer que Miguel Rodrigues Fios-seccos foi official de marinha com prestimo e serviços, e foi homem pobre e rico, segundo se lê nas Decadas de Coito, não he de certo apologizar o impedimento, que elle, menos cavalheiramente, poz á soltura do Poeta. Tocar, sempre fundado na historia, a nobreza, as qualidades e honradas obras de Francisco Barreto, não he defendello do desterro de Camões. Não poderia o Autor da Memoria, sem passar por apostado apologista de Francisco Barreto, soltar algumas palavras de compaixão á cerca do seu fim triste e lastimoso nas *inhospitas ribeiras* do rio Cuama? Não poderia dizer, que foi ainda mais triste e lastimozo que o de Camões?

O Autor da Memoria, que quiz ser francamente imparcial, tanto no que respeita á historia, como no que respeita á critica, a fim de por este mesmo cumprimento das obrigações de exacto e honrado, levantar a mais alto, mas devido, ponto, a estimação do Poeta, e a gloria Portugueza, he tratado de parcial, de inimigo de Camões, e de apaixonado a favor dos seus inimigos!! Errou completamente o alvo; se são justas as observações do Biografo. Mas são ellas justas? Decidão os outros, á vista do que fica dito, e mais que tudo, lendo a Memoria.

O seu Autor disse, e pensa sempre do mesmo modo, que entre as glorias litterarias de Portugal sobresahe, em alto engenho e obras immortaes, o Autor dos Lusíadas; que os Estrangeiros devem olhar com respeito (e na verdade assim succede) para este illustre Poema, se quizerem fazer justiça. Não lhes occultou porém os seus defeitos; ou quando os achou já por elles notados, conveio singelamente, e para isso, quando foi necessario, até impugnou vãs defezas, imaginadas pelo prejuizo Nacional, e errado enthusiasmo de alguns compatriotas. D'esta maneira, parece-lhe que em vez

de inculcar malquêrença evidente, deo mostras de amor bem entendido; que em vez de se entregar a parcialidade reprovada, de que naturalmente podia ser suspeito, procedeo sem odio e sem affeição cega; que em vez de immollar, sem justiça, algum merito dos seus inimigos, ou havidos por taes, á honra de Camões, o vingou, sem faltar comtudo ao devido respeito; como se deve suppôr que o faria a generozidade do mesmo Poeta, se pessoalmente tomasse á sua conta o desagravo.

Não prosêgue esta defeza da Memoria sobre Luiz de Camões: porque a defeza principal e substancial está nella mesma, lida sem prevençãõ e bem attendida; e porque, no que fica dito, se assegura, sem replica, a rectidãõ de intenções e amor da justiça do Autor, e o seu respeito ao Poeta, unido com ardente affecto da Patria. Gloria a Luiz de Camões! Gloria ao Reino de Portugal, onde elle nasceo, e que tão altamente illustrou.



